



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Socialização - Evolução Pedagógica e Moral dentro das Escolas

Marilza Ferreira da Costa Maciel
Elenilson Massari (Orientador)

RESUMO

Abordando a questão da socialização das crianças nos intervalos de aulas e recreios com a associação de brincadeiras que estimulam o desenvolvimento de habilidades sócio emocionais, deve-se pensar a forma como estas atividades são realizadas e quem as aplica para que de fato o processo de desenvolvimento seja efetivo. Destaca-se como objetivo deste trabalho, além dos pontos anteriormente mencionados, avaliar os tipos de atividades aplicadas, propondo o resgate das brincadeiras antigas como estímulo ao desenvolvimento esperado para as crianças. Neste cenário faz-se com que o envolvimento e conflitos gerados nesse período sirvam como aprendizado de questões morais, éticas e respeito entre os indivíduos. Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica que afirma resultados positivos em publicações feitas anteriormente em relação às intervenções com resgate de brincadeiras. Espera-se que leve a uma reflexão de que a socialização das crianças precisa ir além do envolvimento com o outro e com o meio onde vive.

Palavras-chave: Interação. Envolvimento. Intervenção lúdica. Socialização.

ABSTRACT

Addressing the issue of children's socialization during class breaks and recreations with the association of games that stimulate the development of socio-emotional skills, one must think about how these activities are carried out and who applies them so that the development process is effective. In addition to the points previously

mentioned, the objective of this work is to evaluate the types of activities applied, proposing the rescue of traditional games as a stimulus for the development expected for children. In this scenario, the involvement and conflicts generated in this period are used to learn about moral, ethical and respect issues among individuals. This work presents a bibliographic review that affirms positive results in previous publications in relation to interventions with classic games. It is expected to lead to a reflection that children's socialization needs to go beyond involvement with others and the environment in which they live.

Keywords: Interaction. Involvement. Playful intervention. Socialization.

Introdução

O presente trabalho vem questionar a forma como é feita a socialização das crianças nos intervalos das aulas nas escolas, um espaço que deveria ser de momentos agradáveis e de interação entre eles, muitas vezes se torna um espaço hostil e ocioso, de formação de grupos distintos, de brincadeiras perigosas e ofensivas.

A falta de oferta de atividades direcionadas e brinquedos, trabalhar a empatia seriam algumas das causas do problema a ser analisado. Outra questão a respeito da empatia é como é trabalhada em sala de aula pelos professores, e como trabalhar as atividades direcionadas sem que os alunos se sintam obrigados e as enxerguem como atividade de sala de aula.

Friedman (1995) torna relevante o resgate dos jogos (brincadeiras) tradicionais observando que estes fazem parte da nossa bagagem lúdica, destacando-os como instrumento importante para o desenvolvimento das habilidades físicas, motoras, afetivas, sociais, linguísticas e cognitivas. Assim observamos a importância de trabalhar com os alunos a interação social, a empatia e o cuidado com o outro, o resgate das antigas brincadeiras e o ensinar brincar.

Se fizermos um comparativo com as formas de brincar de décadas atrás, podemos notar que as crianças de hoje necessitam desse auxílio para iniciar as brincadeiras, mesmo que sua imaginação consiga criar outras partir do que lhes foi oferecido de início, elas precisam de um ponto de partida. Segundo Kishimoto (1999) a brincadeira tradicional desenvolve meios de convívio social, permitindo transmissão de cultura, assegurando o lado lúdico e a circunstância imaginária.

Durante os intervalos de recreio e almoço, foram feitas observações com alunos de 1º a 5º ano do ensino fundamental I, decorreram conversas informais com os alunos desses períodos e também análises bibliográfica. Para que no transcorrer desta pesquisa possamos fazer uma análise, de que maneira está sendo trabalhada pelos profissionais da educação, dentro e fora da sala de aula a questão da interação social dos alunos.

1 A Essência da sociologia

A palavra sociologia é a junção de duas palavras, *socius* que no latim significa sócio, social; *logos*, em grego significa estudo. Logo em sua origem, Sociologia é o estudo do social, da sociedade, ou de tudo que se diz respeito a mais pessoas.

Pode se dizer então que Sociologia é a ciência que estuda a natureza, dando fundamento a repercussão nas relações entre as pessoas que se organizam em sociedade. Sociologia são as relações sociais, as transformações que acontecem nessas relações, os costumes que existem nas instituições e suas estruturas. Portanto estudam as formas de convivência do ser humano, a competição, o distanciamento social, individualidade e interação entre os mesmos (Enciclopédia Barsa). Para Dias (1999, p. 34), o estudioso da ciência social se depara com diversas explanações a cerca deste assunto, onde para alguns é o estudo dos fenômenos sociais, para outros a ciência da sociedade e ainda a quem diz que é o estudo das organizações, dos fenômenos sociais e das relações humanas.

Durkheim (2004, p. 37) cita:

[...] quando desempenho a minha tarefa de irmão, de esposo ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, cumpro deveres que estão definidos, para além de mim e dos meus actos, no direito e nos costumes.

Sendo assim, a definição de sociologia, e que envolve o estudo do comportamento humano, as pessoas nascem inseridas em determinado grupo social e assumem os costumes ali pertencentes como afirma Durkheim (2004, p. 41) cita:

(...) basta observar a maneira como são educadas as crianças. Quando reparamos nos factos tais como são, e como sempre. (...) desde os primeiros tempos da vida que a obrigamos a comer, a dormir, a beber a horas certas. Obrigamo-la à limpeza, à calma, à obediência. Mais tarde, obrigamo-la a ter em conta os outros, a respeitar os usos, as conveniências, a trabalhar, etc. etc... (p. 41).

Assim as normas elaboradas e criadas ao longo do tempo ajudam a conduzir os indivíduos que nascem e são inserindo nesta sociedade.

Segundo Comte (1972, p.153) o ser humano apresenta alguns instintos que vão desde afetivos, egoístas até altruístas, cada qual com seu grau de intensidade fazendo com que seja considerado o ser humano tanto “bom quanto mal”, mostrando que as pessoas inclinam-se ao egoísmo frente aos outros.

Nesse sentido tem a sociedade e a família o papel de ajustar este sentimento para que a convivência social seja harmônica e empática. Para Comte (1890, p.362) a família é vista como principal célula social. “[...] oferece um caráter essencial, que se desenvolve á medida que a instituição cresce”.

Kant (1923) enxergava o ser humano como o único animal a ser educado, portanto via a educação como o cuidado com a infância, a disciplina, instrução. A disciplina muda o ser humano diferenciando-o dos animais, e aos poucos extrai de si mesmo as qualidades pertencentes aos seres humanos e assim uma geração vai educando a outra. Para isso, segundo Kant as crianças vão cedo para a escola e são sujeitadas as leis humanas para que se acostumem com o que ali lhes é proposto, como manter-se sentadas e tranquilas, obediência e pontualidade. O homem precisa de cuidados e de formação, formação sabido como instrução e disciplina, pois a falta dos mesmos pode vir a tornar alguns homens, no futuro mestres ruins de suas próximas gerações. “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.”

1.1 A Escola e sua importância na socialização

Sabe-se que a primeira referência de sociedade que a criança tem logo ao nascer é a família. Nesse grupo ela terá que aprender a conviver com os outros, seguir os costumes atribuídos a ele, seus hábitos, forma de falar e se relacionar. Assim Piletti (1986, p.40) atribui à família a função socializadora “sendo a família o

primeiro grupo pelo qual convive, é na família que ela vai assimilar os padrões e valores que a transformarão em uma pessoa adulta”.

Classificada como interação primária, é na família que a criança vai tendo a percepção de ser humano com a decorrência de normas e princípios, morais, comportamental ou religiosos que apontam o proceder do indivíduo em um determinado grupo. Para Durkheim (2011, p.54), a formação do caráter social se dá pela educação, no encontro do ser individual com o ser social:

Um é composto de todos os estados mentais que dizem respeito apenas a nós mesmos e aos acontecimentos da nossa vida pessoal; é o que se poderia chamar de ser individual. O outro é o sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós não a nossa personalidade, mas sim o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte; tais como as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas de todos. Este conjunto forma o ser social.

A socialização entra então com a função de unir esses dois mundos, adaptando hábitos, interesses e necessidades, pois os conflitos não de aparecer quando a diferença entre os indivíduos for aparente e esses julgar errado.

Essas diferenças são evidenciadas quando as crianças vão para a escola, instituição essa definida por Berger e Luckman (1966 apud GOMES, 1994, p. 56) como socialização secundária:

[...] a socialização secundária é tarefa da escola e demais instituições relacionadas ao mundo do trabalho. Sem anular, claro, a importância das demais agências educativas. Ora, à medida que se pressupõe uma subsequente à outra, assume-se que a trajetória de vida e de trabalho de cada indivíduo depende, em grande parte, de suas experiências particulares no curso da primeira socialização, promovida pelo interior do grupo doméstico. Daí deriva, pois, a importância dessa modalidade socializadora, quer na perspectiva individual, quer na perspectiva social.

Perante os conflitos em que se deparam as crianças ao adentrar a escola, tem as instituições escolares juntamente com a família o papel de fazer com que as mesmas compreendam o processo de socialização, onde a escola tem como função desenvolver as capacidades cognitivas auxiliando essas crianças a entender como funciona o mundo social.

A escola, enquanto um dos organismos da sociedade é o local por excelência para o desenvolvimento do processo de transmissão – assimilação do conhecimento elaborado. Isto é: a escola é o local

onde o indivíduo estaria se instrumentalizando para atuar no meio ao qual pertence (OLIVEIRA, 1987, p.92).

A formação social na infância parte de um princípio inicial de pesquisas e curiosidades, mas que não termina na vida adulta, pois o ser humano vive inúmeras experiências passando por gerações diferentes. Nesse sentido a escola deve ter o cuidado de entender e respeitar a particularidade de cada indivíduo para a sua formação, no aprendizado da leitura, escrita, no entendimento de direito e deveres processando assim seu desenvolvimento global através da intervenção pedagógica planejada.

Entendo que o processo educativo na escola deve respeitar a liberdade e as especificidades de cada ser humano, deve atender as solicitações individuais para cada um se desenvolva de acordo com sua própria potencialidade, tendo em vista o assumir com responsabilidade e atitude crítica o seu papel de cidadão (LOPES, 1995, p.10).

Piletti (1986, p.26), define processos sociais na educação como: "...mecanismos através dos quais se dá a interação entre indivíduos e grupo, na vida social". Essa interação educacional acontece quando há cooperação entre os membros desse grupo facilitando o convívio dos mesmos, e a escola faz a intermediação dos conflitos e afetividade nesse espaço de edificação da cidadania e saber.

A escola tem papel que vai além de preparar os indivíduos em seu desenvolvimento, ela também conduz a formação de professores, e encaminham pais, alunos e comunidade a enfrentar as mudanças que aconteceram ao longo do processo de socialização.

Esse trabalho só será efetivo, se escola tiver respaldo da família em seu papel de iniciação do desenvolvimento social, fazendo com que a criança se sinta segura quanto ao enfrentamento dos conflitos a serem enfrentados. Dessen e Polonia (2007, p.27), destacam:

Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada.

Nesse contexto o momento do ápice da socialização entre as crianças e adolescentes se dá na hora do intervalo e do lanche onde os mesmos têm a oportunidade de convivência coletiva e engajamento, quando são oferecidas atividades pedagógicas e recreativas para que possa haver a interação social entre eles. É nesse instante que se deparará com inúmeras diferenças e emoções no qual terá condições de aprender a lidar.

O sistema escolar, além de envolver um universo de pessoas, com características diferenciadas, inclui um mundo significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios do desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente constituído por várias culturas que compreende também a construção da afetividade e preparo para viver em sociedade. (OLIVEIRA, 2000 apud DESSEN; POLONIA, 2007, p.25).

2 O Brincar dentro da Escola

Apesar de a escola ter como objetivo determinado as atividades acadêmicas, como fazer com que os alunos aprendam a interpretar, aprendam a fazer cálculos e dominem a arte da expressão oral e escrita, nos intervalos e horário de lanche os espaços dispensados para esse evento se tornam um local de interação social entre os alunos.

É nesse espaço onde as crianças fazem a pausa das aulas que elas brincam e tendem a entrar em conflito, pois cada uma vem com sua vivência e experiência de vida e brincadeiras. Começa aí o enfrentamento do contato social com os outros. Há muito se fala do lúdico para proporcionar um ensino mais agradável e com maior qualidade.

[...] a educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutação com o pensamento coletivo. (ALMEIDA, 1995, p.11).

Definição de lúdico segundo dicionário aulete é jogo ou brincar (prazer lúdico). Tubino (2010, p.14) fundamenta [...] um jogo ou uma brincadeira na sala de aula, não representa apenas um momento de recreação e divertimento. Essas atividades lúdicas possibilitam mais ações mentais diferenciadas, e há nesses momentos uma

maior aprendizagem do que se o professor entregasse atividades prontas em folhas ou copiadas do quadro para o caderno.

Sendo assim aprendizagem também acontece fora da sala de aula, nos ambientes onde as brincadeiras acontecem e onde há a interação com os demais grupos. Professores e ou responsáveis por esses momentos devem ser mediadores também nos momentos das brincadeiras para que essas se tornem atividades prazerosas, potenciais formas de aprendizagem e meio de aprender a lidar com as diferenças, emoções e frustrações, espaço e limite seu e do outro. KISHIMOTO (2006) afirma, “assim, quando jogos e os brinquedos adotam a função tanto lúdica como educativa asseguram diversão e prazer, como também ensinam qualquer coisa contribui na complementação do saber do aluno, ampliando conhecimento e ajudando-o a compreender o mundo”.

Existem inúmeras brincadeiras, as quais podem ser levadas a diferentes aprendizagens de acordo com a faixa etária dos alunos. Algumas dessas brincadeiras fazem resgate as chamadas “brincadeiras de rua”, como, pique bandeira, queima, cobra cega, passa anel, pular corda, morto vivo, amarelinha, confeccionar e soltar pipa. Brincadeiras que por mais simples que possam ser vista a primeiro momento, aliadas aos conteúdos de sala de aula propiciam ainda mais a aprendizagem dos alunos, como afirma o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p.23).

Essas e outras tantas brincadeiras podem servir de aprendizado para os alunos, também são motivo de interação entre eles e também os de conflitos, percebidos muitas vezes pelo fato de as crianças não saberem mais como brincar. Apesar de soar um tanto estranho a principio, há relatos de professores a disser que hoje as crianças apenas correm, gritam e se desentendem aumentando ainda mais a falta interação amigável entre eles.

Sendo assim a grande importância do oferecimento de brincadeiras e brinquedos, e a intervenção nas brincadeiras para que se ensinem as crianças a voltarem a brincar e interagir social e amigavelmente com os colegas e outros grupos, respeitando as diferenças entre si. Analisando o trabalho bibliográfico de (Emmel,1990), onde a autora realizou seu trabalho em uma escola rural onde a mesma observou pouca interação entre as crianças na hora do recreio, e algumas atividades definida por ela como frequentes, esporádicas e outras como sem finalidade específica, esta última onde se destaca as correias sem motivo, os gritos e as lutas corporais. O que a motivou a fazer um trabalho levando a essas crianças brincadeiras antigas e observar a interação das mesmas a partir daí.

Observa-se que em seu trabalho nesta escola a autora teve o cuidado de escolher brincadeiras de acordo com a faixa etária e compatível com a estrutura da escola, pois há escolas onde as crianças não tem espaço para brincar.

Na maioria das escolas o que se vê são pátios, ou pequenos, ou sem planejamento algum para quaisquer brincadeiras, reservando à criança pouquíssimas opções de uma expansão maior de seu corpo em conjunto com sua mente [...]. (EMMEL, 1990, p.48 e 49).

Dentre as ideias propostas colocadas por Emmel (1990) e seus objetivos a serem alcançados, estava também o de as crianças estabelecerem suas próprias regras e conseguirem brincar sem a presença de agentes interventores e que as ideias se perpetuassem para fora do espaço escolar.

Dessa forma fazendo uma comparação deste artigo com a experiência de estágio que iniciei no ano de 2018, onde tive a oportunidade de estar junto as crianças e vivenciar na prática tudo o que está sendo discutido neste texto, percebe-se de fato a grande importância da intervenção durante as brincadeiras que levem as crianças perceberem e pensarem seus atos, que muitas vezes são impensados por falta de ocupação ou de orientação adequada.

3 A intervenção no Ato de Socializar

Ao adentrar as escolas e observar os intervalos e recreios, o que se vê são crianças sem atividades correndo de um lado a outro, alguns parados a esmo, e outros em suas poucas atividades, se agredindo por não saberem se controlar,

respeitar a opinião do outro, espaço e o limite entre a "brincadeira" e a hora de parar quando o colega não quer mais. Citado no artigo de Emmel (1990) o trecho do relatório de uma estagiária deixa claro esse problema vivenciado na maioria das escolas:

Havia muitas meninas correndo e a brincadeira de bater as mãos continuou. Davam chutes nos meninos que tentavam estragar suas brincadeiras. Entre os meninos, estes se chutavam e se batiam. Na hora do sinal, houve muitas gritarias, as crianças gritavam também uma no ouvido da outra.

Na experiência de estágio a que vivenciei em uma escola particular no ano de 2018 a 2020, foi possível juntamente com a coordenação da escola, fazer uma intervenção para tentar amenizar os problemas observados entre os alunos do ensino fundamental I, onde constavam crianças na faixa etária de 7 a 10 anos.

O trabalho feito não teve efeito de pesquisa, mas serviu como comparativo para o início do trabalho realizado com as crianças até o instante em que findou o período de estágio na unidade escolar.

Após reuniões com a coordenação da escola, ficou decidido que as estagiárias deveriam programar semanalmente atividades (jogos e brincadeiras) que compreendessem algumas habilidades sócias emocionais definidas na Base Comum Curricular (BNCC), autonomia e responsabilidade, empatia e cooperação, autoconhecimento e autocuidado.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a "educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza" (BRASIL, 2013, p.8).

O trabalho se iniciou com a escolha das brincadeiras, no qual uma das exigências da escola que fossem atividades mais tranquilas, questão essa discutida com a coordenação e professoras por diversas vezes, não ser sempre possível, pois a pesar de uma das intenções era fazer com que os alunos parassem de correr sem nenhum motivo, o recreio era justamente o momento em que os alunos extravasavam as energias contidas dentro da sala de aula. Por esse motivo as atividades não poderiam acontecer sempre sentadas ou dentro da sala de aula como exigia algumas professoras.

A hora do recreio, que seria de se esperar como um momento de libertação da energia acumulada, da atividade lúdica, é um período que também tem suas limitações. Em algumas escolas as crianças sequer saem de suas carteiras.... (EMMEL, 1990)

Após a escolha das brincadeiras, cada estagiária estabeleceu regras com sua turma e oportunizou a escolha das brincadeiras para cada dia de acordo com suas escolhas e espaço disponível. Dentre as regras, as que mais se destacavam era comportamento em sala, definido pela professora, no refeitório e o respeito ao próximo sem distinção.

Assim a cada brincadeira era possível que se fosse observado o comportamento e a interação dos alunos entre o grupo, e podendo trabalhar de forma efetiva as habilidades sócio emocional que constam na BNCC.

A princípio não poderia existir a mistura de salas na ânsia de evitar a recorrência de agressões e brigas existentes, exigência da direção, mas com isso percebeu-se o aumento de certo egoísmo e posse sobre espaços, vindo abaixo todo o trabalho de convivência pacífica entre os grupos.

... Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante de fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada. (BRASIL, 2003)

Assim retomamos o diálogo coordenação/alunos e traçamos novas estratégias, pois percebemos o interesse de envolvimento entre os grupos, ao observar as brincadeiras de outras salas.

O constante reforço das regras e combinados fez com que pudéssemos ao longo do trabalho flexibilizar e permitir a mistura de turmas, e assim trabalhar com mais ênfase e na prática o respeito e o cuidado, não só com o colega da turma, mas com todos da escola desde o menor do primeiro ano até os maiores. Também conseguimos atingir até o momento em que estagiei os alunos maiores para que tivessem o cuidado com os pequenos, pois era exemplo para eles.

O desafio posto, hoje, para a escola, é conjugar o aprender a aprender a viver como duas realidades que se encontram e se fundem constantemente, ao longo de todo processo educativo... Daí ser fundamental considerar-se em todo o processo, a prática social dos sujeitos nele envolvidos, pois não é possível conceber o processo de ensino/aprendizagem apenas como uma atividade intelectual. (BRASIL, 2003)

Um das atividades em que percebemos uma diminuição considerável das agressões foi no futebol, atividade que nos dava bastante trabalho tanto com os alunos quanto com os professores que insistiam em que tirássemos essa atividade do quadro de brincadeiras por considerar muito agitada.

A ação de direcionar todas as brincadeiras nos levou a readequar muitas vezes as brincadeiras e jogos, pois de início a aceitação não foi bem quista pelos alunos, os mesmos viam as brincadeiras direcionadas como atividades de aula mesmo que sendo feitas ao ar livre. Então por vezes deixávamos que as brincadeiras fossem livres de suas próprias escolhas fora do planejamento semanal para que pudesse ver de fato o recreio como um momento de descontração e relaxamento, período necessário e comprovado ser necessário para que se retomem as atividades de sala.

O recreio escolar não só aparece na literatura universal, como faz parte das boas e más lembranças de todos os que já frequentaram escola. Momento de glória ou de horror, oportunidade de conquistar fama ou de passar vergonha, o período do recreio, mesmo quando tranquilo ou até monótono, tem muita importância na formação da personalidade dos alunos. (BRASIL, 2002, p.1).

Ao final do período de estágio pude perceber e refletir a respeito do quão importante a intervenção, sem exageros, para a formação social das crianças. Até mesmos os casos de alunos mais agressivos, resistentes de contato e diálogo, conseguiu-se perceber melhora no comportamento e atitude dos mesmos. As brincadeiras devem ser olhadas pelo profissional da educação como metodologia de ensino, mas deixar transparecer às crianças como forma de distração e assim de maneira leve e brincando, eles vão assimilando os conteúdos e aprendendo a respeitar os colegas, cuidar do próximo, do meio onde passam a maior parte do tempo, a gostar de si mesmos, responsabilizar-se por seus atos e pensar antes de fazê-los.

3.1 O ato de socializar com o outro

Como citou Piletti (1986, p.40), é da família o primeiro papel socialização, e cabe a escola fazer a ponte entre o conceito trazido de casa e o que as crianças

encontrarão na escola. É nesse contexto que acontecem os conflitos e cabe aos professores amenizar o atrito no encontro dessas realidades distintas. O professor tem por vez a responsabilidade de promover em sala com as crianças rodas de conversas, brincadeiras e atividades direcionadas para que as mesmas se sintam seguras em se expressar, comunicar-se entre si, conquistar seus modos de pensar, de agir e sentir, que se sintam acolhidos no ambiente onde para eles é a extensão de suas casas, permitindo assim a interação social em vários planos. Como garante o RCNEI:

A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos para que as crianças aprendam a conviver, buscando soluções mais adequadas para as situações com as quais defrontam diariamente (BRASIL, 1998, p.31)

Também de acordo com o RCNEI a criança se desenvolve mesmo estando sozinha, se apropriando de suas descobertas e sentimentos, assimilando seus pensamentos e ações partilhadas na interação com o outro. Sendo assim é interessante que o envolvimento seja levado para fora da sala de aula na forma de brincadeiras dirigidas, mas em algum momento permitindo que essas crianças façam suas próprias interações promovendo a troca de descobertas e fazendo assim a socialização propriamente dita.

Propiciar a interação quer dizer, portanto, considerar eu as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças resultam em respostas diversas que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens.(BRASIL, 1998, p.31)

Nos intervalos as socializações através das atividades são feitos com acompanhamento de estagiários e inspetores, esse segundo se disponível dentro da unidade escolar, pois esse momento é garantido por lei ser horário de descanso dos professores. O que leva a pensar a necessidade de uma formação para todos os agentes que se envolvem na formação das crianças, pra que sejam desenvolvidas as habilidades sócias emocionais durante as brincadeiras. O estagiário alia os conteúdos pedagógicos às brincadeiras e com auxilio dos inspetores auxiliariam e enriqueceriam o aprendizado das crianças enquanto zelam pelo cuidado dos mesmos nas horas livres.

É nesse momento que deve ser feito o resgate da infância, com brincadeiras que os levem a fazer uma relação com a infância dos pais e a ligação com seu meio cultural e o elo família/escola, para que as crianças sintam que não há uma separação de mundos, mas sim o acúmulo de aprendizagens e novas experiências.

A atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na escola. O compromisso da escola é com a cultura [...]. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos. E os conhecimentos e valores sociais visam preparar o aluno para a vida social. (LUCKESI, 1994, p.52)

No mundo atual onde a tecnologia toma conta do tempo e chama mais a atenção das crianças, é na escola que a reinvenção do brincar deve acontecer e o resgate brincadeiras e brinquedos da época dos pais são de extrema importância para o desenvolvimento intelectual, emocional e motor dos indivíduos e importante aliado na interação social.

Resgatar a história de jogos tradicionais infantis, como expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar, e sobre tudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente. (FANTIN, 2000, p.24)

Piaget (1976) em seus estudos já dizia que as crianças iniciam as brincadeiras com o próprio corpo nos anos iniciais da vida. Se observarmos brincadeiras como virar estrela, pular carniça, virar cambalhota, vivo ou morto e muitas outras continuam sendo atividades que desenvolvem o lado motor e a interação entre as crianças ao decorrer da vida. Por isso a necessidade de oferecimento e a discussão com as crianças a respeito dessas brincadeiras.

Tomando a mesma linha do brincar Vygotsky (1989), fala sobre o faz de conta, onde as crianças tentam realizar seus desejos através do mundo imaginário, e uma forma de se trabalhar com as crianças durante do período do ensino fundamental um, é com as leituras de livros, produção de teatros, pequenas encenações com personagens e falas criados pelas próprias crianças e tudo de maneira livre, para que eles não se sintam avaliados o tempo todo.

Expressar-se de forma a organizar sua realidade e se introduzir no meio sócio-histórico-cultural se dá através das brincadeiras como necessidade de desenvolvimento sadio para criança, como menciona Oliveira (2000, p. 7 - 8):

[...] é brincando que a criança se humaniza aprendendo a conciliar de forma efetiva a afirmação de si mesma [...] o brincar abre caminho e embasa o processo de ensino/aprendizagem favorecendo a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade.

Ao retomarmos tais brincadeiras trazemos para as crianças a possibilidade de movimentação, interação com o outro e o meio ambiente, fomentando a socialização de maneira saudável. E assim a partir dessas brincadeiras a criança pode criar novas brincadeiras, com suas próprias regras, ganhando autonomia em suas relações.

Aplicando algumas brincadeiras fazendo uso de conteúdos de determinadas disciplinas pode se tornar forma de fixação de conteúdos, desde que para as crianças isso não se torne uma tarefa fora da sala de aula e sim uma diversão. Como é o caso das brincadeiras de caça ao tesouro, fazendo interdisciplinaridade entre as disciplinas, os circuitos promovendo competições entre eles simplesmente por diversão, garantindo distração, movimentação como gasto de energia, trabalho em equipe e novamente a socialização de forma lúdica e amigável.

Considerações Finais

O trabalho apresentado teve como propósito trazer uma discussão sobre o ato de socialização nos intervalos, escolares e de que maneira isso é feito. A princípio esclarecendo a definição de socialização, e sua colocação sobre a diferente perspectiva de renomados estudiosos e o papel de cada parte da sociedade sobre a responsabilidade ensinar à socialização as crianças. O papel da escola nessa função foi colocado com mais ênfase, pois é dentro dela que se dá a discussão a respeito do uso do lúdico para ocupar o tempo livre das crianças sem que seja de maneira vazia.

Em seguida verifica-se a grande importância da atividade lúdica no desenvolvimento das crianças em todos os aspectos, para tanto a análise bibliográfica de alguns autores como Emmel (1990), Kishimoto (2006), Almeida (1995) se fizeram afirmativas em relação ao assunto.

Por fim ato de socializar, de que forma se dá com as intervenções propostas, se acontece de fato, qual peso tem cada parte envolvida.

A socialização se dá com o envolvimento no meio em que se vive, cabe a família, escola e sociedade onde nasce e cresce o indivíduo fazer com que se encaixe nesse ambiente seguindo as regras as quais ele é pertencente, não se esquecendo de mostrar as diferenças existentes entre os habitantes daquele meio, para que se promovido o respeito acima de tudo.

Apesar de parecer o que muitas vezes acaba por acontecer, é de que o profissional da educação fica responsável por transmitir os conceitos pedagógicos e também os conceitos morais e éticos, para que sejam levadas para a vida adulta.

O ato de socializar vai além de introduzir o indivíduo em uma sociedade, educa-lo moral, pedagógica, emocional e culturalmente, mas sim faz-lo ter disciplina para se ter humanidade.

“A disciplina transforma a animalidade em humanidade. [...] a disciplina submete o homem às leis da humanidade começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis [...]” (KANT, 1923, p.12 e 13).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC Versão Final. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 jun. 2020.

BRASIL. Câmara de Educação Básica. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer n. CEB 2/2002, de 04 de nov. de 2002. Aprova Recreio com atividade escolar. Brasília, DF, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf. Acesso em: 1 jun. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 1 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Educação. **Recreio como Atividade escolar**. Brasília (DF); 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf. Acesso em: 1 jun. 2020.

COLHANTE, C. C; BARREIRO, I. M. de Freitas; PRATTA, N; VASCONCELOS, M. S. **Resgatar o brincar tradicional**: uma contribuição à formação de professores. Disponível em:

<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2006/artigos/capitulo1/resgatarobrinCAR.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, Jan./Abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução: Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, 9. ed. 2004.

EMMEL, M. L. G. O pátio da escola: espaço de socialização. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 10-11, fev./ago. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1996000100004>. Acesso em: 18 abr. 2020.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FERREIRA, J. A. Importância do Lúdico em sala de aula: o brincar e o jogar no cotidiano Infantil. **Só Pedagogia**, s/d. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/importancialudico/index.php?pagina=1para>. Acesso: 1 jun. 2020.

FRIEDMANN, A. **Jogos Tradicionais**. n. 7. Série Ideias. São Paulo: FDE, 1995.

HEERDT, M. A Sociologia como ciência da sociedade. *In*: HEERDT, Moacir. **Sociologia das organizações** / Moacir Heerdt, Mauri Luiz Heerdt; (adaptação de conteúdo Marciel E. Cataneo); 4. ed. – Palhoça: UNISUL Virtual, 2006. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/somente-leitura/EaDADM/UAB_2011_1/Modulo_1/Sociologia/material_didatico/textos_complementares/A%20Sociologia%20como%20ciencia%20da%20sociedade.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

KANT, E. **Sobre pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1999. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/sobre-a-pedagogia.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LACERDA, G. B. de. Elementos estáticos da teoria política de augusto Comte: as pátrias e o poder temporal. **Rev. Sociol. Polit.** Curitiba, n. 23, p. 63-78, 2004. ISSN 1678-9873. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782004000200007>. Acesso em: 5 maio 2020.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. II Série. São Paulo: 1994.

OLIVEIRA, V. B. (org.). **O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

PILETTI, N. **Sociologia da Educação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, P. A da. O papel da escola no processo da socialização na Educação Infantil. **Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, n. 3, p. 68, jan. 2017. Disponível em: <https://www.faculdadeplus.edu.br/wp-content/uploads/2017/05/06-Artigo-O-PAPEL-DA-ESCOLA.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.